



# Memória e literatura: reflexões a partir das biografias

Memory and literature: reflections from biographies

**Claudia Pereira de Jesus Carvalho**

Mestranda em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Bibliotecária da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).  
E-mail: [claudia.carvalho@unesp.br](mailto:claudia.carvalho@unesp.br)

## RESUMO

Discute as relações entre memória e literatura. Tem como objetivo explorar as Biografias enquanto subgênero literário e como produto do processo de registro de memórias individuais e coletivas. Pesquisa de natureza qualitativa, com adoção do método bibliográfico. Conclui-se que as Biografias têm a memória como base para sua construção. A memória, por sua vez, encontra nas biografias uma das possibilidades para registro; o registro permite a permanência e o compartilhamento; registros biográficos serão sempre carregados de subjetividade, de emoções despertadas pelas lembranças, entende-se esta literatura como um dos elementos de memória das sociedades. As biografias atuam na geração e disseminação da memória, permitem comunicação entre épocas e gerações, diálogos com o passado através da literatura. Nesse sentido, é possível compreender os trabalhos de mediação da informação literária, realizados em diferentes esferas, profissionalmente ou não, como contributos à construção, propagação e preservação da memória.

**Palavras-chave:** Memória. Biografias. Literatura.

## ABSTRACT

Discuss the relationships between memory and literature. It aims to explore biographies as a literary subgenre and as a product of the process of recording individual and collective memories. Qualitative research, adopting the bibliographic method. It is concluded that biographies take memory as the basis for their construction. Memory, in turn, finds in biographies one of the possibilities for recording; registration allows permanence and sharing; Biographical records will always be full of subjectivity, of emotions awakened by memories, literature is understood as one of the elements of society's memory. Biographies act in the generation and dissemination of memory, they allow communication between eras and generations, dialogues with the past through literature. In this sense, it is possible to understand mediation work in the sphere of literary information, carried out in different ways, professionally or not, as contributions to the construction, propagation and preservation of memory.

**Keywords:** Memory. Biographie. Literature.

## 1 INTRODUÇÃO

A memória, enquanto fenômeno social, pode se apresentar em diversos contextos, de diferentes formas. Por sua vez, a literatura, enquanto produto cultural e social, pode

ser entendida como uma das formas de se eternizar uma sociedade, um grupo, uma época, um indivíduo.

As linguagens, como a oralidade, a escrita, as artes, são formas de materialização da memória, de registro, elas possibilitam sua comunicação, transmissão e perpetuação no tempo e espaço. Desse modo, podemos entender a literatura como uma das possibilidades para a preservação da memória.

As obras literárias são produto de uma época, de uma sociedade, de uma cultura. Na literatura de gênero memorialístico, nos relatos de trajetórias de vida, materializados nas biografias, nesse diálogo entre memória e literatura, nos processos discursivos, na construção de narrativas permeadas de subjetividades encontradas nas biografias, individualidade e coletividade se entrelaçam.

Com o intuito de avaliar seu direito à memória, pessoas, grupos e instituições produzem suas próprias biografias, almejando disseminar e perpetuar suas histórias.

Este trabalho tem como objetivo explorar as biografias enquanto subgênero literário e como produto do processo de registro de memórias individuais e coletivas.

## **2 LITERATURA COMO LUGAR DE MEMÓRIA**

A literatura é parte constitutiva do que hoje se entende por humanidade. Enquanto produto cultural, ela cumpre uma função social, representa um elemento de reflexão e crítica dos valores sociais. Facina (2004, p. 25) argumenta que a literatura

[...] expressa visões de mundo que são coletivas de determinados grupos sociais. Essas visões de mundo são informadas pela experiência histórica concreta desses grupos sociais que as formulam, mas são também elas mesmas construtoras dessa experiência. Elas compõem a prática social material desses indivíduos e dos grupos sociais aos quais eles pertencem ou com os quais se relacionam. Nesse caso, analisar visões de mundo e ideias transformados em textos literários supõe investigar as condições de sua produção, situando seus autores histórica e socialmente.

Cândido (2006) defende que a literatura, enquanto arte, faz parte de um processo de comunicação inter-humana, envolvendo, por sua vez, quatro elementos: um comunicante - o autor; um comunicado - a obra; um comunicando - o público a que se dirige; e o efeito da comunicação. O autor discute duas vias que se complementam: a arte como expressão da sociedade e ao mesmo tempo interessada nos problemas sociais.

Pereira (2014) aborda a literatura como um lugar de memória, livros como lugares simbólicos que garantem a permanência da memória e das identidades individuais e coletivas. A autora afirma que “considerar a literatura como um lugar de memória implica em concebê-la como um suporte no qual os múltiplos aspectos e imagens relativos às modulações variadas da memória podem ser selecionados e reelaborados através da palavra literária.” (Pereira, 2014, p. 349).

Considerando as práticas discursivas tipificadas na conexão entre memória e literatura, Braga (2000) analisa as potenciais posições do sujeito no texto narrativo. A autora parte do entendimento que o romance biográfico encontra-se no entrelaçamento entre memória, narração e escritura/literatura. A literatura produzida através das biografias permite que se ocupe simultaneamente diferentes posições sociais: autor, protagonista, narrador.

A partir do que afirma Braga (2000, p. 2) “[...] as narrativas – orais e escritas – constituem formas privilegiadas de apreendermos aspectos da constituição da memória coletiva e individual, da dinâmica social e discursiva, de quem somos.”.

É importante ponderar, ao analisar o texto literário como lugar de memória, que o contexto social e histórico tem um papel fundamental na produção literária.

### **3 A ARTE DAS BIOGRAFIAS**

Etimologicamente, a palavra biografia advém da junção dos termos gregos *bios* (vida) + *graphein* (escrever, escrita), escrita da vida de alguém. As biografias, subgênero do gênero literário narrativo é uma narração, real ou fictícia, da história da vida de uma pessoa ou de várias pessoas.

Algumas características básicas do gênero biográfico são: relato, apoio de material documental e de pesquisa, apresentar aspectos cronológicos, inserir a história dentro de contextos históricos, sociais, culturais, familiares, profissionais, educacionais, emocionais, entre outros.

Enquanto gênero literário, a categoria pode ainda ser subdividida em tipos, como a biografia autorizada, biografia não-autorizada, autobiografia, os livros de memórias, livros de confissões, além dos livros de cartas. Todos esses pertencem ao grande grupo denominado biográfico.

Na condição de gênero literário não-ficcional, as biografias, escritas em terceira pessoa, costumam ser construídas com extenso material de pesquisa, apresentando dados

precisos, incluindo nomes, locais e datas dos principais acontecimentos importantes, que corroborem na reconstituição.

Existem biografias não-autorizadas, ou seja, quando a pessoa biografada não deu permissão legal para a publicação da obra, não foi consultada ou não aprova aquilo que foi escrito sobre ela, ou ainda a forma como foi relatado, ou não concorda com determinadas partes. Evidentemente, existem fatos que as pessoas não querem expor, seja por se envergonhar, causar constrangimento. No entanto, não haver uma autorização oficial não impede que a obra seja publicada, não é necessário uma exigência prévia de autorização para biografias, a única questão que pode acontecer é que o biografado entre com um processo na justiça e consiga autorização judicial para embargar o livro.

A autobiografia, escrita em 1ª pessoa, onde a própria pessoa narra sua história de vida, faz uma espécie de resumo da sua trajetória, destacando pontos que ela considera mais importantes, que marcaram a sua vida, por diferentes razões, geralmente explicadas na exposição. Também pode ser escrita com o auxílio de um *ghost writer*, na tradução literal, escritor fantasma. Este tipo de profissional vai colaborar com o conhecimento técnico para transformar as informações coletadas em uma narrativa, trabalha escrevendo como se fosse o próprio biografado. Pessoas muito ocupadas e/ou que não têm o hábito ou talento da escrita costumam contratar esse profissional.

Os livros de memórias costumam ter um caráter mais reflexivo sobre os acontecimentos, muitas vezes, abordam apenas determinados aspectos da vida do personagem principal e evidenciam o quanto as lembranças individuais se entrelaçam às coletivas, uma vez que retratam eventos em que a pessoa está envolvida, mas nunca sozinha.

Andrade e Lima (2021) discutem a dificuldade de definir o gênero das biografias, sendo algo híbrido, um embate entre a arte literária e a ciência. As autoras argumentam que as biografias situam-se entre a História e a Literatura.

Embora se encontre biografias em todos os momentos históricos, Burke (1997) apresenta a ascensão da biografia, inclusive da autobiografia, nos moldes como as concebemos nos dias atuais, acontece durante o período do Renascimento, “[...] esse período histórico testemunhou um perceptível aumento do interesse tanto pela escrita quanto pela leitura de biografias, primeiro na Itália e depois em outros lugares.” (Burke, 1997, p. 85). Antes disso, o conceito, o contexto e a estrutura de biografias seguiam lógicas

diferentes, a organização cronológica, por exemplo, não era muito comum, a estrutura normal era temática ou tópica.

Burke destaca duas diferenças principais entre as categorias renascentistas e as nossas: a noção de exemplaridade (questões de natureza moral, explorando a idéia do indivíduo como exemplo); e o pressuposto de que a personalidade é estática, o produto fixo de um equilíbrio de humores. O autor destaca que “Só no século XVIII se vislumbra uma mudança, com a noção de que a personalidade passa por um processo de desenvolvimento.” (Burke, 1997, p. 96).

Ao pensar nos possíveis protagonistas de biografias, podemos nos perguntar: quem são as pessoas cujas vidas poderiam ser consideradas apropriadas para uma biografia? Há personagens de evidente interesse histórico, político, científico, cultural; no âmbito dos livros biográficos costumam ser retratadas pessoas notáveis por seus feitos ou obras, figuras públicas, ilustres, reconhecidas. De modo geral, pessoas anônimas não costumam despertar o interesse sobre suas vidas. Comumente, são feitas biografias de figuras públicas e reconhecidas mundialmente, como políticos, escritores, cientistas, esportistas, artistas, ou de pessoas que deram uma contribuição importante para o mundo

Por outro lado, apenas o interesse público, a curiosidade, são motivos suficientes para publicação de uma biografia? Celebidades, subcelebidades, famosos de alguma forma, ou em algum âmbito, principalmente com a penetração das redes sociais online no cotidiano de milhões de pessoas, os influenciadores digitais<sup>1</sup> acabam atraindo a curiosidade sobre aspectos particulares de suas vidas. Nesses casos, cabe o questionamento da necessidade ou da importância, da real relevância social daquela biografia.

Existem parâmetros indiscutíveis de como medir a importância de alguém, da sua vida, da sua obra, do seu papel em uma comunidade? A existência de possíveis leitores justifica a construção e publicação de uma obra biográfica? Este artigo não pretende responder a essas perguntas, mas levantar esses possíveis debates dentro da temática discutida é necessário.

De uma forma ou de outra, os indivíduos e as sociedades escolhem o que querem esquecer e o que querem lembrar, o que é importante manter e o que pode ser descartado.

---

<sup>1</sup> Influenciador digital é aquela pessoa que possui um perfil em uma rede social e se direciona a um segmento específico da sociedade, produzindo e compartilhando conteúdos sobre diversos temas do interesse desse público, sendo uma referência para ele.

Schmidt (1997, p. 16) aborda o reavivamento de personagens através das biografias: “Muitos deles já haviam caído no esquecimento e, através da publicação de suas biografias, voltaram a ser conhecidos por um número significativo de pessoas.”

Schmidt (1997) compara o trabalho de jornalistas e historiadores enquanto biógrafos, debatendo as diferentes abordagens na construção de biografias no âmbito da história e do jornalismo, tentando detectar possíveis aproximações e afastamentos. Na interpretação de Schmidt (1997, p. 15), “[...] a preocupação central dos biógrafos parece ser a de desvendar os múltiplos fios que ligam um indivíduo ao seu contexto.”. Assim sendo, cabe ao biógrafo identificar, descrever e conectar não apenas a trajetória de uma pessoa, mas também a de outras pessoas, instituições, lugares e épocas nas quais o biografado estava inserido ou com as quais travou relações.

Em relação às entrevistas realizadas para compor biografias, Schmidt (1997, p. 9) alerta para o erro de se considerar “[...] as falas dos depoentes como dados, e não como leituras da realidade. Desta forma, não leva em conta os complexos processos de recriação do passado, das relações entre o lembrar e o esquecer, que marcam o funcionamento da memória”.

Schmidt (1997, p. 4) elenca entre as possíveis razões para o sucesso editorial das biografias: “a busca, no passado, de trajetórias individuais que possam servir como inspiração para os atos e condutas vivenciados no presente.”; além do *voyeurismo*, “[...] mais ou menos velado, que impele muitos autores a investigar minuciosamente a vida privada dos outros, a fim de demolir mitos (transformando-os em “gente como a gente”) ou simplesmente para saciar a curiosidade dos leitores.”.

Silva (2009, p. 153) também aponta essa característica: “A existência de uma biografia é sintoma dessa curiosidade na qual diferentes espectadores e narradores se envolvem em concessões ao *voyeurismo*.”.

À respeito de questões éticas, Schmidt (1997, p. 14) questiona: “até que ponto podemos invadir a vida de um personagem, expor seus segredos, explicitar suas mazelas? O biógrafo pode apropriar-se da imagem de seu biografado?”. São assuntos necessários a serem abordados tanto por quem pretende publicar uma biografia quanto por quem será leitor ou pesquisador da obra, a sociedade precisa estar sempre se questionando a respeito da invasão de intimidade a que certas personalidades são expostas.

Reconstruir uma trajetória individual, seja a própria ou de outro, argumenta Silva (2009, p. 154), “[...] significa também a percepção de uma rede de relações a partir da ideia

de individualidade, com diferentes temporalidades (o ontem e o hoje), vínculos e pertencimentos que dizem respeito tanto sobre quem se escreve, quem escreve e para quem se escreve.”. Portanto, a narrativa biográfica nunca será de uma pessoa só, apartada de tudo e de todos; uma vida e seus percursos é construída sempre na relação com o mundo e com outras pessoas, que inevitavelmente precisam ser observadas, descritas e analisadas.

Podendo ser consumida como uma leitura literária ou como pesquisa biográfica, enquanto objeto de estudo, a compreensão das biografias implica discutir acerca dos encadeamentos sociais e históricos que se conectam com a maneira pela qual o biografado teve sua trajetória lembrada ou esquecida, assim como seus vínculos com diferentes grupos e movimentos (Silva, 2009).

Gonçalves e Silveira (2021) defendem a dupla função do gênero biográfico: como fonte de informação e memória; para os autores, as biografias

[...] informam aos seus leitores sobre as circunstâncias históricas, políticas, culturais e sociais de uma época, tanto quanto sobre as singularidades de uma vida privada, seja ela de pessoas comuns ou daqueles que se tornaram “heróis nacionais” ou mesmo modelos de virtude. (Gonçalves; Silveira, 2021, p. 100)

Os autores concluem que biografias são recursos sociais de produção e disseminação de memórias individuais, sociais e históricas.

As biografias e autobiografias encontram-se em algum lugar entre o real, o ficcional e a memória, pois “[...] como fruto de escolhas, negociações e contingências que, em seu conjunto, modulam uma imagem razoavelmente delineada de determinado sujeito e de suas experiências vivenciais.” (Gonçalves; Silveira, 2021, p. 100).

No enalço do pensamento de Nora (1993, p. 09), onde entende-se que não há memória espontânea, é preciso criar, é preciso considerar ainda que a memória “é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”; acrescente-se a questão da multiplicidade e pluralidade de memórias, “há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada.”.

Segundo Bourdieu (2006, p. 185),

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão

retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.

Diante do exposto, Bourdieu (2006) trabalha com o conceito de ilusão biográfica, uma crítica às metodologias de construção de relatos de histórias de vida, uma vez que nem sempre a exposição construída corresponde às trajetórias reais dos biografados, teríamos então uma ficção de si, a incorporação do elemento ficcional aos fatos realmente vivenciados.

É nesse ponto que o autor recomenda cautela ao se utilizar biografias como única fonte de informação. É importante e necessário se indagar sobre o quanto de veracidade existe nas autobiografias, qual a credibilidade das informações, dos fatos narrados.

Andrade e Lima (2021) também levantam essa questão em seu trabalho, sobre como é difícil averiguar o quanto da composição biográfica é feita de traços reais ou ficcionais.

Na mesma linha argumentativa, Silva (2009) levanta em seu trabalho o questionamento sobre os limites da ideia de verdade e de representação contidos nos escritos biográficos. No processo de rememorar, é comum o uso da imaginação para preencher lacunas, recriar cenas e diálogos, selecionar o que se deseja contar.

Para contornar ou minimizar esse efeito, deve-se incluir outros tipos de fontes de informações, como diários; fotografias; jornais; documentos oficiais; depoimentos fornecidos diretamente pelos sujeitos envolvidos no objeto estudado; entrevistas com familiares, amigos, colegas de trabalho, vizinhos; entre outras. Silva (2009) defende o biografismo como uma forma particular de memória.

#### **4 MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA**

Nos aspectos constitutivos da memória, recordações individuais invariavelmente aparecerão em interação com recordações coletivas, uma vez que os sujeitos que recordam sempre estão inseridos socialmente, compartilhando suas vivências com outros. Nesse contexto, nem sempre teremos exclusividade sobre nossas lembranças, elas não pertencerão apenas a nós, serão partilhadas com outros sujeitos sociais que vivenciaram o fato.

A distinção e as relações entre a memória histórica e a memória autobiográfica é trabalhada por Halbwachs (1990); o autor enfatiza a importância de compreender que as nossas lembranças estarão sempre situadas dentro de um movimento histórico, nossas experiências ocorrem dentro de quadros sociais.



O indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido em grupos, em organizações, que cumprem papéis e se relacionam com outros indivíduos; assim, a memória será construída individualmente, mas também socialmente, como trabalho coletivo.

Essa ideia dialoga com os conceitos de sujeito e identidade trabalhados por Stuart Hall (2006). O autor argumenta a respeito das identidades culturais, sobre aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso "pertencimento" a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.

O conceito de identidade engloba "aspectos comuns capazes de associar ou dar sentido a um grupo de pessoas ao longo do tempo e do espaço" (Santos, 2003, p. 1). Portanto, parte de nós será sempre do coletivo, não há como ser imune a essas influências.

Embora uma autobiografia seja uma narrativa de caráter individual, não se escapa da esfera grupal, pois como declara Braga (2000, p. 11) "Se nenhuma memória é só do indivíduo e não se mantém impermeável às lembranças dos outros, à imaginação; se a memória do homem é constitutivamente social, histórica, cultural, simbólica, na memória do narrador do livro, esse aspecto social é ainda mais forte."

Esse argumento vai de encontro ao apregoado por Halbwachs (1990), que distingue a memória autobiográfica e a memória histórica, ou seja, a esfera individual e a coletiva.

Essa ligação entre memória e identidade social, mais especificamente no âmbito das histórias de vida, também é discutida por Pollak (1992), para quem a memória é um fenômeno construído social e individualmente. O autor reconhece que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade, tanto individual como coletiva.

Acontecimentos, personagens e lugares, "[...] fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo." (Pollak, 1992, p. 202). Assim, embora não sejam memórias nossas, com o pertencimento aos grupos sociais, vivenciamos e lembramos por tabela, nos apropriamos de memórias coletivas.

Pollak (1992, p. 204) explica que "A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa.". Essa constatação coaduna com o entendimento de Nora (1993, p. 09):

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto.

Nesta linha de entendimento, trabalha-se com a concepção de que a memória é artificial, não há memória natural, espontânea, efetivamente é preciso criar; e as lembranças e memórias sempre serão construídas e reconstruídas a partir do nosso presente (Nora, 1993).

Assmam (2011, p. 15) aborda o “caráter retrospectivo da lembrança, acionado somente quando a experiência na qual a lembrança se baseia já estiver consolidada no passado”. A autora comenta sobre a questão de que quanto mais longe no tempo estiver o fato a ser rememorado, mais se altera a percepção sobre ele. Destarte, temos o presente influenciando nossa visão sobre o passado.

Para Assmam (2011), a memória pode estar contida ou ser expressa em textos, imagens, lugares, discursos, literatura, história, arte, psicologia, etc. De acordo com a autora, cada mídia descerra um acesso específico à memória cultural. Entre os suportes materiais, a principal metáfora da memória é a escrita, “[...] mídia preferencial para a memória em relação a todas as demais mídias, e garantem a ela a fama de dispositivo muito confiável quando se trata de obter perpetuação.” (Assmam, 2011, p. 24).

A memória, na condição de uma visão do passado, será sempre uma construção, uma narrativa interpretativa, conforme pontua Sarlo (2007). Essa elaboração não irá apenas reconstituir os fatos, haverá também a interpretação de seus sentidos, que recebe a influência das perspectivas atuais do narrador, “[...] fala-se do passado sem suspender o presente e, muitas vezes, implicando também o futuro.” (Sarlo, 2007, p. 12).

No momento da construção da narrativa sabe-se mais do que se sabia no momento dos fatos, assim, essa discordância dos tempos, como nomeia Sarlo (2007), é inevitável; discorrer sobre o passado tem uma dimensão anacrônica, toda memória possui um aspecto fragmentário, nossas lembranças são sempre parciais e circunscritas ao nosso ponto de vista, ao nosso lugar de vivência e experimentação dos fatos sociais.

Conforme destacam Polli e Molina (2018, p. 6582) a respeito das perspectivas de criações de memória,

[...] a memória é algo vivo e pode ter diversas definições, pois ela é a percepção do indivíduo, ou de um grupo, sobre algum acontecimento, coisa, lugar ou instituição. Tal percepção, longe de ser uma releitura fiel dos acontecimentos, também considera as emoções, os sentidos, o momento histórico e outros fatores sociais.

Quando falamos de escritos sobre memória, no âmbito subjetivo há uma flexibilidade interpretativa maior, se comparados com a escrita científica. Desse modo, “As modalidades não acadêmicas de texto encaram a investida do passado de modo menos regulado pelo ofício e pelo método, em função de necessidades presentes, intelectuais, afetivas, morais ou políticas.” (Sarlo, 2007, p. 14). Nessa conjunção, as questões metodológicas, a formalidade e a institucionalidade traz uma série de restrições que imprimem uma maior objetividade aos textos e a estrutura, que não se coadunam com a redação das reconstruções da memória, embora isso não se constitua um fator de demérito para a escrita memorialística ou biográfica.

Assim, como expressa Braga (2000, p. 12) “O compartilhamento das memórias (do eu, da coletividade) com os outros (futuros leitores do livro) e consigo mesmo (o narrador é um outro de si mesmo) tem um significado duplo: dar um sentido à sua própria existência e ser o narrador do grupo.”. Destarte, nessa partilha memorial, nessa evocação de acontecimentos e sentimentos vivenciados, os livros biográficos atuam como dispositivos para construção, interpretação e representação de identidades particulares e públicas.

Ao considerarmos as autobiografias, Braga (2000) propõe que se pense na relação personagem narrador/personagem narrado, os possíveis conflitos que podem surgir, a pessoa em relação a si mesma (quem sou eu/como me apresento, o que aconteceu/como contar, a pessoa de hoje em relação à pessoa do passado narrado). Assim, na prática de lembrar, compor a narrativa e escrever uma biografia, embute-se inevitáveis reflexões sobre a visão que a pessoa tem de si, muitas vezes considerando ainda em contraponto a visão que outras pessoas têm dela.

Lembrar é ainda uma função social, como afirma Bosi (1994). Essa tarefa comumente é delegada às pessoas mais velhas, com mais vivências, experiências e relações, que vão passando para as gerações mais novas as memórias. Conhecer as lembranças alheias é uma forma de aprendizado, de transmissão de conhecimentos, experiências. No entanto, é sempre fundamental compreender que as memórias partem

de um ponto de vista, que não é único e nem representa a totalidade dos fatos e significados.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Retomando, os pontos principais destacados no trabalho: não há memória espontânea, é preciso criar; a memória é sempre construída e reconstruída a partir do presente; lembranças individuais sempre aparecem entremeadas às lembranças coletivas; as noções de identidade e pertencimento sempre aparecem conexas à memória; a constituição da memória é essencialmente social e histórica, nenhuma memória é unicamente do indivíduo, não há como se blindar das conexões com as lembranças dos outros. A memória não é só da pessoa, é também dos grupos aos quais se pertence.

Outro ponto que pode ser destacado é a ligação entre memória e imaginação, da possibilidade criativa nos registros da memória, ou o quanto de real e o quanto de fictício existe nas biografias publicadas, o quão fidedigno é o relato? Como foram preenchidas as lacunas existentes na nossa lembrança? Ter sempre em mente que memória é reconstituição e representação.

As biografias tomam a memória como base para sua construção. A memória, por sua vez, encontra nas biografias uma das possibilidades para registro; o registro permite a permanência e o compartilhamento; registros biográficos serão sempre carregados de subjetividade, de emoções despertadas pelas lembranças.

Conforme destaca Sarlo (2007, p. 61) “Qualquer relato da experiência é interpretável”. Essa distância entre os fatos e aquilo que se lembra, assim como as opiniões que se construíram ao longo do tempo em relação às vivências passadas, levando em conta todos os aprendizados e conhecimentos adquiridos, irão sempre influenciar a forma de se relatar, o que se escolhe expor de um acontecimento biográfico.

As pessoas, de modo geral, gostam de saber da vida dos outros, há um anseio por conhecer detalhes. Essa é uma das razões pelas quais biografias costumam fazer sucesso.

Para além da narração da vida de alguém, ler uma biografia nos possibilita conhecer também lugares, épocas, circunstâncias históricas, sociais, culturais, políticas, econômicas, entre outras, nas quais se deram os eventos e experiências descritos, assim como compreender como e em que medida esse contexto foi determinante para a trajetória da pessoa.

Ao escrever, a pessoa se constitui e se reconstitui, ela escolhe o que vai contar sobre si e como fazê-lo. Uma mesma história será contada de diferentes maneiras por diferentes pessoas, muda-se a perspectiva, muda-se a narrativa. É impossível se abster da subjetividade, o que não significa que seja inverídico ou não confiável.

O processo da escrita biográfica pode colocar a pessoa em contato com situações incômodas para ela, o momento da rememoração da experiência traz consigo emoções e reflexões, alterando o estado de espírito, é conflituoso, podendo resultar em confrontos internos e externos.

A partir do exposto, entende-se a literatura como um dos elementos de memória das sociedades. Nesse sentido, é possível compreender os trabalhos de mediação da informação literária, realizados em diferentes esferas, profissionalmente ou não, como contributos à construção, propagação e preservação da memória.

As biografias atuam na geração e disseminação da memória, permitem comunicação entre épocas e gerações, diálogos com o passado através da literatura.

## REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

ANDRADE, R. L. V.; LIMA, S. I. A. O olhar teórico sobre as fontes de informação e o universo literário e biográfico de Clarice Lispector. *Logeion: filosofia da informação*, v. 7, p. 145-164, 2021. DOI: 10.21728/logeion.2021v7n2.p145-164 Acesso em: 19 jun. 2023.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo : Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. Memória e literatura: uma análise das posições de sujeito no texto narrativo. *In*: **Conferência de pesquisa sócio-cultural**, 3, Campinas, jul., 2000.

BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 83-98, jul. 1997. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2038/1177>. Acesso em: 06 jun. 2022.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

GONÇALVES, R. de C.; SILVEIRA, F. J. N. da. Biografias e autobiografias como fontes de informação e memória. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 82-103, 2021. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v12i1p82-103. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/178542>. Acesso em: 24 abr. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

PEREIRA, D. C. M. Literatura, lugar de memória. **SOLETRAS**, n. 28, jul.-dez., p. 344-355, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/soletras.2014.16314>.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLI, Caroline Teixeira da Silva; MOLINA, Letícia Gorri. As questões de memória e os direitos humanos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais [...]** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/124727>. Acesso em: 24 jun. 2023.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias ... Historiadores e Jornalistas: aproximações e afastamentos. **Estudos históricos**, v. 19, p. 03-9, 1997.

SILVA, Wilton Carlos Lima da. Biografias: construção e reconstrução da memória. **Fronteiras: Revista de História - PPGH/FCH/UFGD, Dourados**, v. 11, n. 20, p. 151-166, jul./dez. 2009.

Recebido em: 19 de janeiro de 2024  
Aprovado em: 08 de janeiro de 2025  
Publicado em: 10 de janeiro de 2025